

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA OBRA “A MORTALHA DE ALZIRA”, DE
ALUÍSIO AZEVEDO**Flávia Pascoala Wehren¹Elizabeth Botelho de Cedro²Raimunda Alves Batista³

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar a representação da mulher na obra “A mortalha de Alzira”, do autor Aluísio Azevedo, observando o modo de agir da personagem Alzira, assim como as demais mulheres existentes na trama, como pensavam e se comportavam vivendo no século XIX, que era comandado sob o poder masculino. Ao mesmo tempo, objetiva-se considerar a representatividade da mulher brasileira sob os aspectos histórico, cultural e social, apresentando sua trajetória na busca por transformações e avanços no reconhecimento de sua importância como sujeito da história. Procura-se informar por meio de pesquisas bibliográficas evidências em torno da trajetória feminina, como nasciam, cresciam e se transformavam em busca de um diferente olhar da sociedade sobre seu valor. Assim, busca-se como referências, opiniões de estudiosos sobre a mulher e suas influências na sociedade, e ainda se aborda o movimento feminista que teve início na França no século XIX, o qual busca até a atualidade a tão ambicionada igualdade.

PALAVRAS-CHAVE: Representação. Mulher. Sociedade. Mortalha de Alzira. Aluísio de Azevedo.

**THE WOMAN'S REPRESENTATION IN “A MORTALHA DE ALZIRA” SHELL-
WORK WROTE BY ALUÍSIO AZEVEDO**

ABSTRACT: This article aims to analyze the representation of women in “A Mortalha de Alzira” shell-work by Azevedo, Aluísio, observing Alzira's behavior, as well as the other women in the plot, as they thought and behaved living in the nineteenth century, which was commanded by male power. Besides, it aims to consider the representativeness of Brazilian women under historical, cultural and social aspects, presenting their trajectory in the search for transformations and advances in the recognition of their importance as subject of history. Evidences are sought through bibliographical researches about the female trajectory, how they were born, grew and transformed in search of a different view of society on its value. Thus, are searched studious opinions like references about women and their influences on society, and still addresses the feminist movement that began in France in the nineteenth century, which seeks to the present time the much sought after equality.

KEYWORDS: Representation. Woman. Society. Alzira's Shroud. Aluísio Azevedo.

¹ Pós-graduanda em Linguagens e Ensino: Língua e Literatura, formada pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: flaviawehren@hotmail.com

²Especialista em Docência no Ensino Superior, em Docência nos Anos Iniciais e em Educação à Distância. Professora do Curso de Pedagogia na Faculdade de Ciências Jurídicas e Aplicadas do Araguaia. E-mail: bethguerreira@hotmail.com

³ Mestre em Letras e Linguística: Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Goiás, professora do Curso de especialização em Linguagens e Ensino: Língua e Literatura da Universidade Federal de Mato Grosso.

1. INTRODUÇÃO

Pretende-se, neste artigo, analisar a representação da mulher no século XIX, a partir de estudos realizados na obra “A mortalha de Alzira”, de Aluísio Azevedo. Faz-se necessário, inicialmente, para o estudo, refletir sobre o que vem a ser a mulher para posteriormente analisar a sua representação histórica, social e cultural.

Trata-se o enredo de uma história que se passa na França, no século XIX, de um amor proibido entre Alzira e um jovem pároco, porém, a história perpassa diferentes períodos e momentos históricos.

Em face disso, neste estudo, empenhar-se-á a contrastar a representatividade de Alzira na obra de Aluísio Azevedo, uma mulher nascida na França, autêntica e a frente do seu tempo, e demais mulheres que se destacaram no romance, com a realidade e representatividade da mulher brasileira e sua trajetória desde os tempos mais remotos, as quais viveram em um século de grandes acontecimentos e transformações.

Propõe-se, neste artigo, reconhecer e compreender essa mulher para analisar a sua representatividade social, cultural e histórica na obra e comparar com a mulher brasileira dando ênfase na história da representação da mulher na sociedade brasileira, demonstrando as suas necessidades e quais os subsídios ela utilizou para apresentar e manter a figura feminina em um mundo, até então, governado pelo poder masculino.

Falar sobre a mulher significa apresentar diversos acontecimentos históricos, resgatar momentos de tensão, reflexão e fatos contraditórios de diferentes períodos, apresentar as relações masculinas e femininas mostrando como a mulher é um ser social, e de que forma ela participa das diferentes culturas e transformações históricas.

Diante dos pressupostos, pretende-se responder: em que século realmente Alzira está inserida, sendo uma mulher cuja história perpassa períodos distintos, e qual a sua representação na obra de Aluísio Azevedo?

Sobre o problema proposto, encontra-se como hipótese, que desde os primórdios a sociedade, ela foi comandada por homens que sempre favoreceram e enalteciam o sexo masculino, as mulheres sofrem preconceitos há muito tempo, tornando-se submissas e desvalorizadas em todos os aspectos, como no campo profissional, remetendo-as à ideia de grau de capacidade reduzida, com remuneração de segundo plano em relação ao homem, sendo atribuídos a elas os trabalhos de “dona de casa”, “tomar conta dos filhos”, entre outros afazeres domésticos. Portanto, seguindo esse pensamento, a mulher nada representa cultural, política e socialmente na história da humanidade.

Outro ponto a ser analisado além dos aspectos histórico e cultural, é o social, o qual, ainda na atualidade, torna-se muito discutido, porém, controverso.

Partindo desse contexto, a pesquisa justifica-se por reunir elementos relevantes que auxiliarão como base e fonte de informações para trabalhos futuros.

Dessa forma, torna-se importante a realização da pesquisa em torno da representatividade feminina na obra de Aluísio Azevedo, a qual contribuirá para descobertas e conhecimentos sobre a importância da mulher nas transformações e avanços no mundo, de quais maneiras a mulher obteve participação sobre esse progresso.

A busca por elementos que ofereçam caminhos na construção e finalização da pesquisa é indispensável na realização de uma análise e, por este motivo, são balizadores de informações os referidos autores como: Mary Del Priori (2013), Simone Beauvoir (1970), Tânia Maria Gomes da Silva (2008), Maria Odila Leite da Silva Dias (1983), Michelle Perrot (2003) entre outros.

Quanto à pesquisa, sob o ponto de vista metodológico, definiu-se por utilizar a técnica de investigação literária em bases teóricas, as quais nos deram suporte na busca de elementos e dados importantes para a realização do trabalho. Primeiramente, foram realizadas pesquisas com aprofundamento do referencial teórico, logo após foram coletados dados para, só então, darmos início a produção do artigo. Trata-se de uma pesquisa básica, qualitativa e bibliográfica.

Assim o presente artigo é constituído por quatro seções, sendo que a primeira trata de um histórico sobre a representação da mulher no Brasil, na segunda seção se faz descrição da biografia do autor da obra “A mortalha de Alzira”, Aluísio Azevedo, seguido da terceira que apresenta a produção literária, a quarta trata da representação da mulher na obra de Aluísio Azevedo e, por fim, apresentam-se as considerações finais acerca do trabalho concretizado.

2. UM HISTÓRICO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO BRASIL

Descrever a mulher como um ser forte, de coração puro e batalhador, torna-se fácil quando observamos sua trajetória, desde os tempos mais remotos até os dias de hoje.

Sabe-se que o homem sempre tomou as rédeas da situação em todos os casos, era ele quem dominava os pensamentos, determinava as ordens e se responsabilizava por manter a família.

Para a sociedade, a mulher era sujeito inferior, com obrigações secundárias, porém, importantes, e que só caberiam a ela, como: cuidar do marido e dos filhos, manter a casa organizada, dar bons exemplos de esposa, mãe zelosa e ser religiosa.

No Brasil, ainda em meados dos anos de 1822, as mulheres brancas e ricas não eram vistas nas ruas com frequência, pois eram quase que mantidas enclausuradas dentro de casa. Suas vestimentas eram admiráveis e luxuosas, porém, quase nunca circulavam pela cidade, seguindo os convencionalismos da burguesia colonial.

As tarefas mais difíceis eram realizadas pelas mulheres pobres, negras, ou mesmo as libertas, elas eram sujeitadas a conviver com as mazelas das ruas, suas vestimentas eram sujas, esfarrapadas e muitas eram obrigadas a se esconder sob mantos de cor escura, enfrentando todo o tipo de violência que encontravam pelo caminho, como diz Silva Dias (1983, p. 31):

Não admira muito o preconceituoso das fontes relativas ao espaço urbano, onde proliferava a pobreza e certa autonomia dos desqualificados sociais, bastante incômoda para as autoridades. Era justamente este o espaço social das mulheres pobres, livres, forras e escravas e o palco de improvisação de sua sobrevivência precária.

As mulheres brancas e abastadas tinham um papel fundamental para a sociedade, elas eram destinadas a constituir família e ajudar o marido a ter prestígio. Eram proibidas de se relacionar com pessoas de outra religião que não fosse a cristã e, muito menos, com negros ou índios.

Por outro lado, as mulheres necessitadas, mesmo com o preconceito, trabalhavam no comércio por muitas vezes clandestino, vendendo hortaliças, farinha, ovos entre outras espécies de alimento. Essa comercialização era delimitada pelas autoridades, porém as mercantes, por vezes, encontravam maneiras para burlar as leis que lhes eram impostas.

Não era permitido empregar mulheres nas lojas, e poucas detinham a oportunidade de conseguir o seu próprio comércio. As menos favorecidas comercializavam suas mercadorias nas calçadas, vielas e becos em meio à sujeira, fedentina e insetos, como descreve Silva Dias (1983, p. 32):

[...] as quitandeiras espalhavam pelo chão, trastes de um pequeno comércio de vinténs, que foi aos poucos tomando, becos e travessas, entre a rua do Rosário e a rua do Comércio: beco do inferno, da cachaça... a ponto de se queixarem dele os comerciantes da rua Direita, estabelecidos em suas lojas, reclamando principalmente da sujeira, dos mosquitos e dos maus cheiros. Nas lojas, não se admitiam mulheres como balconistas e apenas uma ou outra mais remediada tinha o seu comércio estabelecido, armazém ou loja de molhados

Porém, existiam também as mulheres consideradas “malditas”, eram aquelas que viviam em casas frequentadas por homens, solteiros e casados. Essas mulheres eram vistas pela sociedade, principalmente, pelas esposas e pela a igreja, como libertinas, pecadoras e eram proibidas de frequentar os mesmos espaços na cidade reservados às famílias.

Entretanto, eram das casas de prostituição durante os encontros dos representantes da sociedade, que saíam os ideais e acordos sobre os domínios de poder das cidades. E enquanto os homens e governantes confabulavam, suas acompanhantes ouviam todas as conversas e, a partir dessas confabulações, surgiam as opiniões femininas.

O comportamento feminino ao longo dos tempos foi mudando, e como no Brasil os homens costumavam peregrinar, em busca de ouro e conseqüentemente do poder, as mulheres passaram a cuidar dos negócios, muitas vezes informalmente, porém, administravam as terras e tornavam-se líderes em pequenas localidades. Passaram a idealizar ações políticas e, com a ausência dos maridos, elas administravam a casa, fazendas e os interesses da família.

A sociedade passou a acreditar nas ações femininas, e a mulher se tornou ativa nas responsabilidades assumindo o papel que até então era masculino, o pensamento das próprias mulheres se transformou e os questionamentos em torno da realidade feminina se afluíram. Nesse sentido Gomes da Silva (2008, p. 225) diz:

É a partir de lutas íntimas, portanto, que as mulheres iniciam um questionamento quanto à realidade social, criando os primeiros movimentos feministas, marcados por uma grande diversidade de reivindicações.

Os séculos XVIII e XIX foram marcados pelo início das transformações femininas, porém as mulheres daquela época ainda não conseguiam formar alianças, portanto, os grupos não eram consistentes e os olhares para as causas feministas ainda eram muito discretos. Havia sim uma revolta, porém, muitas vezes as vozes eram solitárias em busca da igualdade, sendo assim, muitas mulheres se deixavam calar diante da supremacia masculina.

Porém, apesar das dificuldades em relação ao seu reconhecimento na sociedade, as mulheres, por meio do movimento feminista, passaram a acreditar que, igualmente aos homens, elas também poderiam tomar decisões a seu favor. É o que Gomes da Silva (2008, p. 226) comenta: “As mulheres tomaram consciência que se os homens tinham sempre estado no poder, era porque eles assim se colocavam”.

Como eram condicionadas, desde que nasciam, a ser esposas, mães e religiosas, a grande maioria das mulheres aceitava essa situação.

Mas com os movimentos em prol do reconhecimento de sua igualdade em relação ao homem, a mulher inicia um processo (diga-se de passagem, lento) de descobertas com a vinda de grupos feministas da Europa que, em busca da civilização e crescimento social, traziam ideais de educação não só para o público masculino, mas para as mulheres que, ao aprenderem, poderiam além de estabelecer seus próprios pensamentos, e com isso as tomadas de decisões,

educar além dos filhos, pessoas da comunidade, tornando-os membros pensadores de uma sociedade integradora.

Mais tarde, após um período considerado longo, tornou-se possível a educação em colégios, o que possibilitou à mulher encontrar o caminho para a profissionalização, por meio do magistério e a educação, que antes era considerada um privilégio masculino, passa a ser um direito feminino, abrindo portas para discussões em torno da representação social da mulher.

O papel da mulher no ambiente social brasileiro durante anos foi duramente determinado pelo homem, fazendo com que ela não tivesse poder de decisão sobre a sua vida, mas com a construção dos colégios para moças, tornou-se possível o conhecimento de que ela poderia fazer parte de certas ações e decisões tomadas pelo público masculino, sendo formadoras de opinião, ingressando no mercado de trabalho, administrando o seu sustento, tornando-se cada vez menos dependente do homem.

Esse processo de transformação da educação na vida feminina trouxe alterações de pensamentos como o de que a mulher não necessariamente seria feliz se conseguisse um bom casamento, constituindo família, cuidando do lar, e sim de que ela poderia ter uma profissão que lhe agradasse, sendo professora, atuando como cidadã, desempenhando o seu papel na sociedade e se mantendo com o seu próprio sustento.

O feminismo se fortificou com o passar dos anos e, no século XX, por volta de 1960, com a ebulição política no Brasil, formaram-se grupos mais articulados e a mulher passou a questionar sua posição social, contrariando uma cultura que, até aquele momento, acreditava que somente o homem tinha um intelecto capaz de nortear o desenvolvimento da sociedade.

Porém ao ponderar sobre o crescimento acentuado das reivindicações femininas na década de 60, não é possível esquecer que, em períodos anteriores, entre os séculos XVIII e XIX, como já mencionado, ocorreram ações em prol da igualdade entre homens e mulheres, porém de maneira tímida, por vezes solitária, ou com um número reduzido de vozes femininas a reclamar.

A França foi um dos países pioneiros em reivindicações femininas no século XVIII e como já dissemos, a educação foi o início das buscas pela igualdade dos indivíduos.

Foi da Europa e dos Estados Unidos que surgiram grupos que buscavam estratégias para a implantação de recursos em prol de um desenvolvimento intelectual feminino. As mulheres recebiam apenas comandos e eram ensinadas somente a criar os filhos, obedecer ao marido e cuidar da casa.

Seus corpos não eram seus, eram utilizados apenas para fins de reprodução e para o desejo masculino. As mulheres nunca poderiam sequer falar de suas vontades, pois, para os homens, elas eram proibidas dos sentimentos carnis.

Os maridos ricos exibiam suas esposas, porém a elegância em conjunto com o discreto seria a exigência para o casamento, e segundo Michelle Perrot (2003, p. 14) “no palco do teatro, nos muros da cidade, a mulher é o espetáculo do homem”.

As cidades da França assim como as de toda a Europa eram “enfeitadas” com imagens e estátuas de corpos femininos, a publicidade, já naquela época, utilizava-os como produto e o público masculino carregava muitas vezes como peças e cabides, a fim de demonstrar sua virilidade e poder sobre as mulheres.

As conformidades deveriam ser acatadas, uma mulher respeitada, deveriam se comportar muito bem, andar bem vestida, ser comedidas e manter a disciplina exigida pela sociedade. Neste sentido Perrot (2003, p. 15) descreve:

A conveniência ordena às mulheres da boa sociedade que sejam discretas, que dissimulem suas formas com códigos, aliás, variáveis segundo o lugar e o tempo... A mulher decente não deve erguer a voz. O riso lhe é proibido. Ela se limitará a esboçar um sorriso. Pode - em certas ocasiões - deve deixar rolar as lágrimas, coisa proibida à virilidade, demonstrando, assim, que é acessível ao sentimento e à dor...

Por outro lado, existiam as mulheres solteiras, mal vistas pela sociedade, e tidas como pecadoras. Elas moravam em casas de prostituição e lá ganhavam a vida, com as constantes visitas de homens de diferentes níveis na sociedade.

Nos prostíbulos, tudo era permitido, as mulheres não escondiam o prazer, elas mostravam seus corpos, coisa que para as esposas era temeroso, pois, considerava-se pecado. Essas mulheres podiam explicitar seus desejos, o riso não era contido como o das esposas e não havia discrição nos seus atos.

Porém as prostitutas eram rechaçadas nas ruas, não era permitido que elas frequentassem os mesmos lugares que as mulheres bem vistas pela sociedade. Eram achincalhadas, enxotadas e até por vezes agredidas.

Para a religião, a mulher está associada ao pecado, a bíblia diz que a mulher é a culpada pelas amarguras, aflições e dores existentes na terra. Perrot (2003, p. 21,) diz que “as representações religiosas, existentes nas grandes religiões monoteístas ocidentais, adotam essas perspectivas. Segundo o Gênesis, foi por causa da mulher Eva que a dor e o sofrimento ingressaram no mundo”.

Outro aspecto importante da representatividade feminina era o entendimento em relação aos cuidados com o próprio corpo.

As mulheres sabiam cuidar da saúde dos seus corpos como ninguém, muitas foram consideradas bruxas, pois o conhecimento que detinham dos remédios para quase todas as enfermidades era amplo e, na França, essa prática era considerada feitiçaria, como relata Perrot (2003, p. 22):

Nesse aspecto, a mulher tinha vastos conhecimentos empíricos dos quais era depositária, ela se encarregava dos cuidados do corpo, da saúde e da doença, do nascimento à morte. Exercia um poder médico considerável, por vezes temido, a ponto de ser uma das acusações apresentadas contra as feitiçarias, objeto de verdadeiras perseguições na França e na Europa, sobretudo no século XVII.

A prática da medicina, por mulheres consideradas curandeiras, continuou durante algum tempo, até surgirem as exigências para a eficácia dessa ciência, pois a França passava por um período de mudanças com relação à saúde e surgiam mais profissionais em busca de um melhor atendimento aos pacientes, afirmando melhores condições. Assim, mais uma vez a mulher seria controlada pelas mãos masculinas.

O século XX foi transformador, como explanado anteriormente, houveram períodos de fervor na política, o Brasil passou por conturbações, reivindicações e o feminismo não ficou para trás. A mulher passou por transformações sociais, conseguiu a sua emancipação e passou a cobrar muito mais os seus direitos. Os grupos feministas tornaram-se mais coesos e vinculados, assim, os argumentos eram mais intensos, as cobranças pelo direito de trabalhar, ter acesso a instrução por meio dos estudos, expressar-se e tomar decisões sobre si mesma ganharam força.

Porém, ainda que a mulher conseguisse conquistar todos esses direitos, inclusive o de trabalhar sem o consentimento do marido, eles caminhavam a passos lentos, pois por trás destas conquistas, estava sempre o homem que protelava a concretização desses feitos, como explica Del Priori (2013) “Apesar do surgimento do Conselho Nacional das Mulheres do Brasil, chefiado por Romy Medeiros da Fonseca, que se destacou na luta para promover a posição socioprofissional da brasileira, o diagnóstico era de alterações lentas”.

Apesar do retardamento nas alterações dos direitos femininos, a mulher se reinventou, o casamento já não era o mesmo, não era somente o marido que era capaz de expressar os desejos e ter voz dentro de casa e no seio da família, mas a esposa passou a tomar decisões em relação ao matrimônio, na criação dos filhos e a sua profissão, como afirma Del Priori (2013) quando diz que:

De fato, elas estão em toda a parte, cada vez mais visíveis e atuantes. Saíram de casa, ganharam a rua e a vida. Hoje trabalham, sustentam a família, vêm e vão, cuidam da alma e do corpo, ganham e gastam, amam e odeiam. Quebraram tabus e tradições.

O que se nota é que a mulher foi, é e sempre será muito importante para a história, seja do Brasil, ou da França, sua representatividade está inserida na biografia do mundo e, neste sentido, passa-se, a seguir, a investigar os caminhos que levaram a essa representação no romance de autoria de Aluísio Azevedo, intitulado “A mortalha de Alzira”, que ocorre na França, entre os séculos XVIII e XIX, séculos estes como já foi mencionado, de grandes transições, sobretudo, no tocante à busca feminina, da sua autenticidade e representatividade.

3. NOTAS SOBRE O AUTOR, ALUÍSIO DE AZEVEDO

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, maranhense, nascido na cidade de São Luís, no dia 14 de abril de 1857. Filho de David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul português, e de Emília Amália Pinto de Magalhães, seu irmão mais velho era Artur Azevedo, comediógrafo.

Desde muito jovem, Aluísio Azevedo se interessou por pinturas, embora uma de suas primeiras ocupações fosse a de balconista e, logo depois, a de guarda-livros.

Quando completou 19 anos se juntou ao irmão Arthur que já morava no Rio de Janeiro. Estudou na Escola Nacional de Belas Artes, fazia caricaturas, pois gostava de desenhar, e, para se manter naquela cidade, trabalhava para alguns jornais da época, como: O Mequetrefe, O Fígaro, A Semana Ilustrada e Zig-Zag.

Em 1878 retornou à cidade natal, pois seu pai havia falecido e, no ano de 1880, lançou o romance “Uma lágrima de mulher”, obra extremamente sentimental. Ainda no mesmo ano lançou “O Pensador”, um tabloide avesso ao clero, haja vista Aluísio Azevedo ser a favor da liberdade dos escravos enquanto que os eclesiásticos eram inteiramente contra a abolição da escravatura.

“O Mulato”, escrita em 1881, foi a terceira e a mais polêmica obra de Aluísio Azevedo, pois foi um romance com linguagem sóbria, a qual versava sobre o preconceito racial, causando alvoroço e ao mesmo tempo sucesso e, por esse motivo, Aluísio retornou ao Rio de Janeiro para se tornar um grande escritor e passou a publicar seus romances em folhetins por serem obras ainda pequenas.

Com um olhar atento sobre os imigrantes vindos principalmente de Portugal e o sofrimento que eles enfrentavam ao chegar ao Brasil o autor produziu duas obras polêmicas,

“Casa de Pensão” e “O Cortiço”. Produziu ainda contos, crônicas e peças de teatro, e se tornou mais conhecido, pelas obras ficcionais, pois sabia combinar realidade e fantasia de forma intensa.

Tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, e diplomata, deixando assim a carreira de escritor e na Argentina encontrou aquela que seria sua esposa Pastora Luquez, juntos adotaram duas crianças.

Passou por diversos países e retornou a Buenos Aires, onde faleceu, aos 56 anos, e, naquela capital, foi enterrado, porém seis anos após sua morte, por uma iniciativa do escritor e político Coelho Neto, a urna funerária de Aluísio Azevedo foi trazida para São Luís (MA), onde, enfim, o escritor foi sepultado definitivamente.

4. A OBRA, A MORTALHA DE ALZIRA

A obra foi escrita no ano de 1891, pelo autor Aluísio Azevedo, porém, com o pseudônimo de Victor Leal, e foi o único em que a história se passou totalmente na França de Luís XV e Madame Pompadour, durante o século XVIII.

A obra traz o duelo entre a aristocracia e o clero, que detinha o poder junto à nobreza, contra a sedução pelo poder por meio do dinheiro e, ao mesmo tempo, a libidinagem que estimulava os fiéis afastando-os dos domínios da igreja que já não conseguia manter laços concretos em razão de sua decadência.

A mortalha de Alzira abrange aspectos do Romantismo, porém Aluísio Azevedo investigou alguns temas particulares ligados ao comportamento, já que naquela época algumas instituições tratavam os indivíduos de maneira injusta, levando-os a manifestar certas perturbações e atitudes doentias, como é o caso do pároco Ângelo, um jovem rapaz que foi criado em um convento, sobre as imposições de frei Ozéas, um homem que demonstrava ser muito religioso, porém não deu a chance de seu protegido escolher seu próprio destino.

O romance é anticlerical, um dos temas mais acentuados de Aluísio Azevedo, o autor demonstra a hipocrisia da sociedade francesa, que se fazia passar por religiosa para agradar o rei Luís XIV, porém, com a morte do monarca, todos puderam mostrar a sua verdadeira face, expondo seus vícios, todos os erros, abusos e perversidades de um governo corrupto e imprudente.

O romance conta as experiências vividas por Ângelo, um inocente jovem, ingênuo e casto, que conhece Alzira, uma cortesã, arrogante, que gosta de viver aventuras e é muito rica. Uma mulher que mantinha todos os homens aos seus pés, porém, algoz de todos eles. Mas

Alzira também é romântica e se apaixona perdidamente por Ângelo, um homem que ela acreditava ser extraordinário, no entanto sabia que esse amor seria impossível.

Após sua morte, a cortesã encontra Ângelo durante os seus sonhos e faz dele um vampiro que todas as noites se encontra com ela e juntos vivem grandes aventuras. Ele, completamente atordoado, não deseja mais viver a realidade e entrega-se a fantasias e devaneios e, Salomé, a empregada da casa, se assustava com aquele sono incontrolável do padre.

Ângelo odiava a realidade em que vivia, por isso os devaneios durante o sono eram desejados pelo pároco, apesar de conviver com um constante sentimento de culpa, pois como um representante religioso ele não poderia viver naquele mundo de orgias, libertinagens e devassidões que Alzira lhe apresentara. Era uma luta árdua e fazia muito mal a Ângelo, levando-o cada vez mais à beira da loucura.

A personagem do Dr. Cobalt é marcante no romance, pois ele é o médico que busca a todo o momento explicações para o comportamento de Ângelo, o autor utiliza um discurso científico e autoritário por meio do médico, característica dos romances Naturalistas.

Frei Ozéas, o antagonista, é mais uma das personagens de Aluísio Azevedo, um padre corrupto, que arrependido da vida desregrada que vivera, e almejando se recuperar das depravações adotou um menino abandonado pela mãe e o levou para viver em convento, sob os seus mandos e desmandos, e aproveitando-se da morte do orador das missas das quintas-feiras, apresenta Ângelo à corte francesa com o intuito de inseri-lo na sociedade.

Após o pároco Ângelo passar a se encontra oniricamente com Alzira, ele muda o seu comportamento, porém não se entrega tão rapidamente ao mundo exterior, pois tem medo e, por vezes, se angustia.

O jovem pároco percebe a falsa moral pregada por frei Ozéas e se volta contra ele em um momento de fúria, por ter sido isolado de todos e do mundo, trancado sem poder escolher seu destino.

Ângelo ficou muito revoltado com Ozéas que ainda tentou mostrar-lhe que Alzira estava realmente morta e que ele deveria esquecê-la. Ângelo parece acreditar que tudo não passou de ilusão, porém, percebe que nunca mais veria Alzira e irritado faz indagações a frei Ozéas, sobre sua alma. Ozéas tentou a todo custo mudar os pensamentos de Ângelo, mas de nada adiantou e, após uma terrível briga entre pai e filho, Ângelo se joga de um abismo em busca do amor de Alzira.

5. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA OBRA “A MORTALHA DE ALZIRA”

Aluísio Azevedo foi o maior representante do Naturalismo no Brasil e, em suas obras, demonstrou narrativas fundamentadas sobre bases científicas e ajustadas na intensa reprodução da natureza do indivíduo e na complexa rede social que o envolvia. Em seus romances, ele tratou do preconceito, da falta de moralismo da sociedade, das relações de gênero e das moléstias dos séculos XVIII e XIX.

Na obra “A mortalha de Alzira”, Azevedo empregou um olhar crítico sobre a mulher, e a delineou do início ao fim.

A história conta o amor de uma cortesã totalmente desprovida de afeto, uma mulher áspera, com uma vida crápula, capaz de comandar a todos que estão a sua volta, vivendo em um século de total submissão feminina, por um jovem pároco, imaculado, que nunca havia colocado os pés para fora de um convento e que após encontrar a cortesã em sonhos e viver momentos de desregramentos, deseja morrer para encontrar sua amada e viver esse amor por toda a eternidade.

Como já mencionado anteriormente, a mulher foi educada para ser modelo a ser seguido, forçada a compreender que o seu futuro seria o casamento e que, para isso, ela deveria manter boa aparência, ser extremamente recatada, complacente, conforme o desejo de seus futuros esposos e ainda ter habilidades de uma boa dona de casa, fazer-se religiosa, e dar ao marido filhos bem criados, como relata Rodrigues (2008) quando diz que a “A mulher era um ser destinado à procriação, ao lar, para agradar o outro”. Assim como Del Priori (2003, p 01) “[...] casar e ter filhos. Ser feliz? Ao arrumar uma aliança no dedo, a felicidade vinha junto. [...] mulheres continuam a educar seus filhos e tratar os maridos, reforçando a ideia de superioridade do sexo masculino”.

Nota-se que as moças não obtinham uma educação adequada, pois eram preparadas para cuidar muito bem dos lares, filhos e maridos. Eram educadas apenas no aspecto religioso, e ainda assim pelas mães e avós, e quando tinham o privilégio de frequentar escolas, apenas ouviam com atenção o que as freiras lhes ensinavam, sem o direito de opinar ou questionar.

O século XIX foi considerado como período extremamente masculino, pois, o homem ainda detinha poder sobre a mulher, era ele quem tomava todas as decisões sobre tudo. Eram os homens os governantes absolutos, e as mulheres não tinham direito a nada, apenas seguiam os comandos dos pais e, mais tarde, dos esposos.

O autor Aluísio Azevedo com seu olhar crítico e revelador demonstrava, ao público leitor, as verdadeiras faces da sociedade que se escondiam por trás das falsas atitudes que teimavam em apresentar.

Azevedo em “A mortalha de Alzira” apresentou abertamente a vida da sociedade parisiense, inclusive trazendo para as páginas de seus romances, mulheres “avançadas” para aquela época, mulheres essas que se atreviam a viver à frente de seu tempo. O realista/naturalista desvendou as atitudes de algumas mulheres e a própria sociedade como um todo que contrariavam leis impostas pelo poder masculino, assim como os mandos e desmandos da igreja, especialmente após o óbito do nobre governante daquela época, como demonstra o autor quando disse que, “as máscaras de hipocrisia que escondiam a corrupção da corte de Luís XV, caíram com a morte desse príncipe” (AZEVEDO, [s. d], p 04).

A cortesã Alzira era uma dessas mulheres, dona de uma beleza inigualável, porém, era interesseira, fria e mantinha uma vida crápula. As mulheres da sociedade, tidas como normais, eram aquelas bem casadas, mães de família e da corte, entretanto Alzira era completamente contrária àquelas senhoras.

Havia também, outras senhoras que se diziam religiosas e que frequentavam constantemente a igreja, fazendo transparecer assim o seu temor a Deus, seguindo os passos cristãos, mas que, na verdade, na calada da noite, em meio aos becos da cidade, em casas de jogos, se misturavam à prostituição, como descreve Azevedo ([s. d], p. 04):

A duquesa de Bourbon, apesar de casada, vivia publicamente com Du Chayla. Law levava a sua amante à corte.[...] A outra princesa de Conti, a moça, essa, a despeito dos ciúmes que mantinha pelo marido, só deixou o seu amante La Fare, quando o substituiu por Clermont; a irmã dela, M^{lle} de Charolais, dava os mais terríveis escândalos com o duque de Richelieu. As filhas do duque de Orléans, então regente, levaram mais longe a sua depravação, porque tinham no próprio pai principal cúmplice das suas orgias. A irmã da duquesa de Bourbon, M^{lle} de la Roche-surYon, célebre pela sua beleza, não se separava de Marton, estivesse onde estivesse, e ameaçava de furar os olhos com um punhal, que ela trazia sempre na liga, àquela que lho roubasse ainda que por um instante. M^{me} du Maire, tendo aliás como amante vitalício o cardeal de Polignac, íntimo de seu esposo, disfarçava-se frequentemente em regateira, para correr as ruas e vielas de Paris em busca de aventureiros de todo o gênero. O pior no entanto, estava no que não se pode contar nestas páginas. *Toute chair étail détournée de sa voie*, como disse Voltaire a esse respeito, e como o provaram com os fatos mais indecorosos as próprias delfinas de Luís XIV e M^{me} de Maintenon, e o *chevalier* de Vendôme, e o Sr. de Chambonas, e, mais que todos e que todas, a formosa duquesa de Chartres, que se recolheu ainda moça ao convento de Chelles, não para se penitenciar dos seus pecados contra a natureza, porém, sim, para poder, ali, naquele doce e obscuro viveiro de almas adolescentes, agravá-los mais à farta e mais à vontade.

Aluísio descreveu, também, as atitudes das mulheres mais velhas e solteiras, as quais mantinham encontros secretos, muitos deles com seus próprios sobrinhos, tudo isso sob o fingimento da castidade e beatismo. Como afirma (AZEVEDO, [s. d], p 04) “[...] A princesa de

Conti, filha do rei, posto que devota, já velhusca e cheia de aparentes escrúpulos, confessava não poder dispensar a consolação de seu sobrinho La Vallière”[...].

O século XIX já revelava algumas mudanças, ainda muito acanhadas, nas atitudes femininas, especialmente na França. Os avanços em relação às descobertas e livramentos da mulher sob os comandos do homem já eram percebidos. Elas, as mulheres, já não atendiam aos desejos masculinos, sem ao menos questioná-los, e seus próprios anseios já tomavam conta de seus atos.

Alzira, com sua beleza e ousadia, despertava entusiasmos nos homens e, por vezes, provocava o duelo entre eles, que tinham o objetivo de ganhar o coração da cortesã, porém nenhum cavaleiro conseguia conquistar o amor daquela mulher.

Dessemelhante das outras mulheres daquela época, Alzira, de certa forma, comandava os homens, ela detinha o controle sobre aqueles que ambicionava comandar, até mesmo pondo-se à frente das desavenças masculinas. Para uma mulher que vivia em um século extremamente masculino, a cortesã “fugia as regras” sem se preocupar com as consequências que poderiam provocar, pois, era forte, decidida e não temia as leis criadas pelos varões governantes, assim como não temia “fugir as regras” cristãs, como descreve Aluísio Azevedo ([s. d], p. 38) em um dos momentos de intrepidez da cortesã:

[...] —Insolente! bradou o marquês, avançando de punho fechado sobre Bouflers.
—Então!... interveio Alzira, metendo-se entre os dois.
—Mas este atrevido afronta-me! exclamou Florans.
—Pois é desafrontar-se! retorquiu o poeta. Para isso tem uma espada à cinta! Alzira chegou os lábios ao ouvido do marquês.
— Se aceitar o duelo, disse-lhe; não ponha mais os pés aqui!
O fidalgo fez cor de cera e murmurou imperceptivelmente:
—Esta mulher despoja-me de tudo!. . .
Bouflers sorriu e acrescentou:
—Registre, condessa, mais esta qualidade a meu favor:—a coragem!
[...]. . . Creia que lhe estou grata!. . . Quanto ao senhor, cavaleiro. . .
E voltou-se para Bouflers, fazendo-lhe um gesto de despedida.
E pondo o chapéu na cabeça, encaminhou-se para a saída.
—Miserável! exclamou o marquês, correndo sobre ele.
—Infame! disse Alzira acompanhando-o.[...]

Talvez por sua coragem e ousadia, a cortesã fosse muito odiada pelas mulheres da corte, sendo até mesmo invejada, pois as esposas e donas de casa não se atreviam a protestar contra as atitudes e os comandos dos pais, tios, irmãos e maridos sob suas vidas, apesar de manterem seus bel-prazeres às escondidas.

Alzira não escondia nada sobre sua vida, sempre dizia a verdade sobre suas pretensões e admitia a qualquer homem, que estivesse convivendo com ela, que os bens materiais que

detinha, eram somente dela e não dividiria com ninguém, pois tudo o que havia conquistado permaneceria exclusivamente sob sua posse.

Aluísio mais uma vez demonstra a força, a audácia e autenticidade de uma mulher perante uma sociedade sórdida, carregada por mentiras e desregramentos mantidos às escuras e, em um momento da história, comandado por um poder machista, inconsequente e impetuoso.

Como um autor de grandes produções naturalistas, como “O Cortiço” e “O Mulato”, verifica-se, porém, na obra analisada, traços do movimento realista, movimento marcado pela objetividade, auxiliados por uma ideia evidente do fato real, diferente das fantasias e ilusões, os quais apresentam uma realidade possível ou não, de acontecer, Aluísio Azevedo buscava a verdade imparcial e universal de uma época obscura, carregada de fatos camuflados pela sociedade que teimava em apresentar-se no tradicionalismo regrado e sereno.

Porém, mesmo sendo naturalista e mantendo traços realistas, Azevedo não deixou de apresentar algumas características do Romantismo, pois produziu um romance cercado de fantasias, devaneios que apresentou uma paixão incontrolável e um amor capaz de ultrapassar as barreiras da morte.

O autor ainda descreve um número de mulheres que se diziam nobres, casadas e respeitadas, tementes a Deus e aos costumes da igreja que, no entanto, na verdade desfrutavam de uma vida depravada, convivendo com maridos e amantes, frequentadoras de ambientes duvidosos, mulheres mais velhas sendo consoladas por homens da própria família, como os sobrinhos, tudo sobre os olhos da sociedade que, naquele momento passava por “um processo de liberdade”, com a morte de Luís XV.

Eram mulheres casadas com homens de posse, importantes para a sociedade, porém, naquele momento essa simbologia de nada adiantava, a corte estava tomada pela libertinagem, o desregramento, como mostra Azevedo ([s. d], p. 04):

A ferocidade e a perfídia dos tempos bárbaros, os crimes do feudalismo, todos os erros, todos os abusos e todos os desregramentos de um governo cínico e perverso e de uma magistratura e uma jurisprudência feitas de ignomínia e adulação, eis do que se compunham os costumes desse infeliz começo de século.

A administração da polícia criava e dirigia casas de jogo e casas de prostituição.

Paris era policiado por malfeitores, vestidos de farda. Só uma cousa divertia o público: – a crápula.

Mulheres como a duquesa de Bourbon, sua irmã Mlle de la Roche-surYon, a princesa de Conti, Mme du Maire, entre outras senhoras da corte viviam uma vida lúbrica, entre orgias com amantes e vícios em casas de jogos, porém, apesar de toda essa libertinagem, eram capazes

de frequentar as missas e eventos religiosos como mulheres castas, como registrou Azevedo ([s. d], p. 04):

A duquesa de Bourbon, apesar de casada, vivia publicamente com Du Chayla. [...] Mlle de la Roche-surYon, célebre pela sua beleza, não se separava de Marton, estivesse onde estivesse, e ameaçava de furar os olhos com um punhal, que ela trazia sempre na liga, àquela que lho roubasse ainda que por um instante.[...] Mme du Maire, tendo aliás como amante vitalício o cardeal de Polignac, íntimo de seu esposo, disfarçava-se frequentemente em regateira, para correr as ruas e vielas de Paris em busca de aventureiros de todo o gênero.

Entretanto, contrária à personagem Alzira e às senhoras, da corte que viviam desregradamente, Aluísio Azevedo revela, em seu romance-folhetim, outra mulher e, desta vez, o autor apresenta uma personagem que descreve de maneira tão peculiar, a posição feminina do século XIX, Salomé.

Salomé foi uma personagem marcante na obra azevediana, tanto quanto Alzira, o autor expôs de maneira reveladora o papel da mulher submissa daquela época. Ela era a ajudante doméstica da casa de Ângelo, era uma pessoa solitária, não havia se casado e muito menos tido filhos. Residia na casa em que viviam os clérigos, sempre recolhida, não saía de lá para nada, porém muito timidamente se queixava disto. Neste sentido Del Priore (2013, p. 06), descreve sobre os costumes femininos do século XIX:

Nem se escolhia o marido; a família decidia pela noiva. Tampouco as mulheres saíam de casa; o trabalho era doméstico. Ao passar de senhorita à senhora, a mulher se tornava uma matrona respeitosa. Tinha de se comportar como uma santa. Os constrangimentos para ganhar dinheiro – coisa de homem – eram enormes. A rua? Lugar de mulher “fácil”.

Salomé nem chegou a se casar, não tinha vaidade, era muito simples, não tinha boas perspectivas para si e somente preocupava-se em servir aqueles que necessitassem de seus préstimos.

Com a leitura de “A mortalha de Alzira” se imagina que o leitor consiga idealizar fisicamente tanto a personagem Alzira quanto Salomé, observando que Alzira como uma mulher muito bonita, com um porte elegante, bem vestida, pele e cabelos bem cuidados, enquanto que Salomé, uma senhora, muito simples, com roupas velhas e de humor ríspido, porém preocupada com o jovem padre Ângelo.

Duas mulheres distintas para a realidade em que viviam naquele tempo, porém, cada uma com sua força e personalidade marcante. Alzira, com sua individualidade de mulher disposta a enfrentar os desafios de um século transformador, porém, autoritariamente masculino, em que o feminismo vagarosamente buscava encontrar seu espaço, e segundo

Gomes da Silva (2008, p. 226) “nesse momento as mulheres não estavam articuladas em grupos coesos e o que havia eram vozes mais ou menos isoladas de descontentamento”. Já Salomé permanecia ainda sob os comandos severos e constrangedores dos homens, vivendo sob submissão, como ser humano desprezível, de segundo plano, tendo que suportar as mazelas de ser solitária e servir sem ser recompensada por isso, porém, com uma força incansável na busca por ajudar aquele jovem inocente. Essa mulher representava ali, naquela obra, a mãe de Ângelo, um homem que quando criança havia sido abandonado por sua genitora, porém Salomé possuía o instinto materno e o tratava com carinho, na tentativa de aliviar seu sofrimento, como demonstra Azevedo ([s.d.], p. 47) em uma das falas de Salomé:

[...] São quase dez horas, e o senhor vigário ainda fora! . . . Vão ver que está por aí à cabeceira de alguma vítima da peste, sem se lembrar de que não tem no estômago mais do que uma xícara de leite e um pedaço de pão! [...]

Aluísio Azevedo objetivou apresentar por meio dos movimentos naturalista e realista os fatos reais ocorridos na França do século XIX, demonstrando igualmente a realidade em meio a um contexto feminino, com seus comportamentos libertinos, errôneos, assim como a submissão e a subordinação austera, mas abordando particularidades do contexto social, histórico e cultural marcado pelo poder do homem sobre a mulher.

Nas páginas do romance, Aluísio Azevedo traz uma personagem rica em detalhes que caracterizam a mulher daquela época, Alzira é uma representante da mulher francesa dos séculos supracitados.

Por fim, percebeu-se que tanto o Brasil como a França viveram transformações, cada uma a seu tempo e modo. Porém, o poder masculino predominava em todos os aspectos, pois a mulher era regida pelo poder do homem sobre todas as coisas, seus anseios, suas descobertas, o desenvolvimento intelectual, social e cultural dependia dos comandos masculinos.

Em relação à mulher brasileira, percebeu-se que, mesmo sendo governada pelas vontades masculinas, era uma mulher guerreira, que ia à luta, trabalhava nas ruas, em busca da sobrevivência. Era forte e na falta do “dono” da casa e de sua vida, ela tomava as rédeas e o comando dos negócios. E, a partir dessas responsabilidades, ela foi se tornando aos poucos mais preparada e detentora de suas opiniões.

No entanto, foi a França a pioneira da liberdade feminina, as mudanças e a luta pela liberdade partiram daquele país, com a formação de grupos em busca da igualdade entre os seres.

Sendo assim, Aluísio Azevedo transcreveu certos momentos de lutas entre derrotas e vitórias de uma classe que, até os dias atuais, busca a igualdade de gêneros.

Alzira foi uma autêntica representante da mulher na obra de Azevedo, mostrou sua força, garra, orgulho, mas, ao mesmo tempo, uma fragilidade, doçura e o sentimento delicado da feminilidade. Houve, em muitos momentos, um conflito de identidades em seu interior, pois ao mesmo tempo em que Alzira se mostrava uma mulher forte, decidida, por vezes, ela apresentava características de uma mulher apaixonada, perdida em pensamentos, e frágil.

Del Priore, em seu livro *Histórias e Conversas de Mulher* (2013, p. 02), apresentou características femininas que justamente se encaixam aos momentos distintos vividos pela personagem Alzira, momentos conflituosos de identidade também vivenciados por diversas mulheres que realmente estavam à procura da sua individualidade. E conforme a autora, a mulher somente:

[...] queria ser boazinha ou não, conforme as circunstâncias; doce ou áspera segundo o impulso do momento; forte ou fraca, dependendo da situação; bonita ou desleixada de acordo com o ânimo. Na verdade, sim: ela gostaria de se livrar de rótulos e imagens da “mulher perfeita”, ou seja, da submissa, para começar a “ser”...

Assim, nota-se que Aluísio Azevedo, contemporâneo como era, apresentou e descreveu Alzira, como uma mulher atual, capaz de promover rupturas em busca de conquistas, porém, ao mesmo tempo, demonstrando a “fragilidade” do sexo feminino, assim como expôs Salomé e as diversas mulheres, personagens do romance, mulheres essas com características distintas, porém, com uma representatividade importante para a história, com seus anseios, coragem, formas de pensar em suas liberdades, mas do mesmo modo, com os seus medos, submissões, dependências e delicadezas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode constatar é que Aluísio Azevedo utilizou uma linguagem clara, objetiva e aberta em que expressa claramente suas intenções, as de atingir um público maior e torná-lo contestador e capaz de aprender com sua obra.

Como escritor naturalista, Azevedo procurou demonstrar de forma intensa os fatos ocorridos em um século de transformações, porém, ao mesmo tempo em que esse movimento era caracterizado pelo autor, comprometendo-se a evidenciar a realidade por meio da ciência e criticar os acontecimentos de forma franca em um texto concreto, também passava a existir ali o Romantismo, com suas características dos episódios fantásticos, os quais permitiram “viagens” por mundos imaginários e repletos de ilusões.

Azevedo escreveu o romance “A mortalha de Alzira” de forma envolvente e, por vezes, influenciou por meio do discurso romântico, espiritual, mas também científico, bem a frente do seu tempo, buscando o interesse do público leitor. A obra foi escrita em 1891, porém é marcadamente moderna e traz um tema, muito atual, a mulher e sua representação.

O autor demonstrou abertamente a forma como viviam as mulheres parisienses do século XIX sobre diferentes aspectos, o que nos leva a compreender a realidade feminina e seus pensamentos e anseios em torno dos costumes da época.

Descreveu Alzira como uma mulher contemporânea para o século em que vivia, sua maneira de pensar, ambições e objetivos eram concretos, era uma mulher decidida e determinada. A cortesã Alzira não tinha medo do poder masculino, nem da igreja, ela não temia sequer o preconceito existente daquelas mulheres que se diziam respeitadas por serem casadas e mães de família.

Alúcio Azevedo é considerado um escritor que enxergava além do século em que vivia e, ao apresentar Alzira e as outras mulheres libertinas da corte, pareceu avistar os séculos XX e XXI, séculos estes de ascensão feminina, haja vista as grandes transformações e conquistas desse gênero na atualidade se compararmos com os séculos anteriores.

Alzira foi uma precursora da igualdade entre os sexos feminino e masculino, foi uma mulher que não se deixou dominar, que se fazia respeitar pela autoridade que exercia sobre os homens. Era detentora de posses e, naquele século, as mulheres nada possuíam, a não ser após a morte do esposo e, mesmo assim, não eram elas quem tomavam as decisões sobre seus bens.

Pode-se notar a relevância em certos atos da personagem Alzira, assim como das mulheres da corte, sobretudo, atos de coragem para enfrentar os desafios dos questionamentos, das críticas em relação aos seus procedimentos e desejos.

Alzira, com seu comportamento, concebeu mudanças de pensamentos, tanto das próprias mulheres, como dos homens, pois a mulher acabara obtendo certo respeito sob a sociedade que passou a permitir que elas realizassem seus anseios, mesmo de forma branda.

Constatou-se que a cultura também sofreu mudanças, pois se anteriormente a mulher vinha ao mundo com a função exclusivamente de casar e procriar, obedecendo aos maridos, após conhecer e conviver com Alzira, as senhoras da corte já não se limitavam a essa tarefa e satisfaziam seus prazeres, entre eles, os da carne e todos os tipos de vícios antes cometidos somente por homens.

Ao mesmo tempo, contrário a toda essa inovação, o autor descreveu Salomé, como uma mulher fidedigna ao século XIX, aquela com todas as características do período

considerado extremamente masculino. Mulher submissa, governada, sozinha e sem altivez, porém com um instinto materno a florado.

A dependência feminina no século XIX restringia a mulher a segundo plano, considerando-a como ser secundário e incompleto.

Diante de toda a pesquisa realizada, constatou-se a importância da mulher para a história, a cultura e a sociedade, e a personagem Alzira na obra de Aluísio de Azevedo, torna-se a real representação dos três aspectos no romance.

A obra traz uma mulher que faz parte da história da França, mostrando sua força e obstinação por meio de seus atos. Essa mulher viveu em um país percussor na luta pela igualdade de classes, ela perpetrou história junto à sociedade em que viveu.

Verificou-se, entre tantas coisas, que Aluísio Azevedo considerado a frente de seu tempo, inovou a respeito dos fatos relatados em sua obra. Utilizando um discurso claro, a respeito dos acontecimentos dos séculos XVIII e XIX, conseguindo demonstrar o contexto histórico francês em relação ao aspecto feminino e, ao mesmo tempo, evidenciando a construção social desde os primórdios, mas que ainda se transforma aos poucos.

Contudo, com os estudos se pode afirmar que Azevedo contribuiu imensamente, por meio de sua obra, para a compreensão em torno da relevância da mulher no mundo, pois, como ser racional que é, ela colaborou para a criação de toda uma história, suas realizações, transformações, pois seus erros e derrotas levam a reflexão sobre a luta árdua da mulher para se consolidar como ser social, cultural e histórico.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Aluísio de. **A Mortalha de Alzira**. São Paulo: Martins [S. d].

SILVA, Tânia Maria Gomes da. Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil. **Politéia - História e Sociedade**, v. 8, n. 1, ago. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/276/311>>. Acesso em 03 de jul. 2016.

PERROT Michelle, **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP 2003.

DE BOUVOIR Simone, **O segundo sexo I fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970.

DEL PRIORE, Mary, **Conversas e histórias de mulher**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013.

PASCOALA WEHREN Flávia, **A mortalha de Alzira: Uma releitura da obra de Aluísio de Azevedo**, ed. Única - Barra do Garças, 2011.

_____. **A literatura no Brasil - Parte 4: Era realista e era de transição.** São Paulo: Global Editora, 2004.

OLIVEIRA, Lilian Sarat de. Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência. 2008. Fazendo o Gênero 8- Corpo Violência e Poder, Faculdade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST27/Lilian_Sarat_de_Oliveira_27.pdf>. Acesso em 09 de jul. de 2016.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Mulheres sem história. Revista de História (São Paulo), v. 114, p. 31-45, 1983.** Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/62058/64894>>. Acesso em 11 jul. 2016

O REALISMO E O NATURALISMO NA LITERATURA. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/books/1644995-realismo-naturalismo-na-literatura/#ixzz1TujlTw8D>>. Acesso em: 20 de jul. de 2016.